



O CÉREBRO E A MENTE.

David V. Monducci

A última década do século XX foi denominada de “a década do cérebro” pelos neurocientistas. Profissionais que se dedicam ao estudo das neurociências irmanaram-se em um objetivo comum na tentativa de melhor compreender como o nosso cérebro funciona. Como consequência desse trabalhos reacendeu-se as discussões em torno da nossa consciência ou mente.

A partir dos anos 90, pudemos assistir a um grande número de experiências neurológicas e cognitivas, acompanhadas de magníficas imagens do cérebro em funcionamento, obtidas com técnicas de ressonância magnética funcional e através da tomografia por emissão de pósitrons (PET *scan*), que culminaram em um resgate, ainda que involuntário, de idéias materialistas sobre a mente.

Até o início do século XVIII a mente era naturalmente identificada com a alma humana e, o cérebro, era o seu veículo de manifestação. Amparados pelas novas descobertas das ciências básicas, homens de grande saber médico, já no século XIX, começaram a se dedicar mais profundamente ao estudo do cérebro e das doenças que o acometiam. Entraram em cena grandes neurologistas da história: Parkinson, Charcot, Broca, Huntington, Sherrington e Freud, entre outros.

Em 1884 William James e Carl Lange, em 1885, propuseram independentemente uma teoria que relacionava eventos fisiológicos com estados mentais. Na teoria, denominada de James-Lange, a consciência era um efeito das respostas fisiológicas (“*temos medo porque corremos; não corremos porque temos medo*”). Em 1960 Stanley Schachter ampliou esta teoria propondo que o córtex cerebral elabora a consciência a partir das informações recebidas da periferia do corpo e, no final do século XX, Antônio Damásio, com a sua teoria do marcador somático, estabeleceu que a

consciência é, essencialmente, uma história que o cérebro inventa para explicar as reações corporais.

Por outro lado, Sherrington (1906), Cannon (1927) e Bard (1928), opuseram-se à teoria de James-Lange e propuseram uma teoria na qual a consciência surgia simultaneamente com o comportamento. Mais tarde, Papez (1937), Lindsley (1951) e MacLean (1952) acrescentaram alguns elementos à teoria de Cannon-Bard que, contudo, não lhe alteraram a essência. Apenas em 1993, vem a público o último livro de Sir John Eccles⁽¹⁾, ganhador do Premio Nobel de medicina de 1963, “*com o objetivo de contestar e negar o materialismo a fim de reafirmar o domínio do ser espiritual sobre o cérebro*”.

É inegável que uma melhor compreensão da estrutura celular e bioquímica do cérebro, contribui para um melhor entendimento sobre como as doenças neurológicas se desenvolvem (a palavra técnica para descrever este conhecimento é fisiopatologia). Por outro lado, estes conhecimentos permitem o desenvolvimento de novos tratamentos para aquelas doenças. Contudo, pretender transformar a mente em um efeito da atividade cerebral cria problemas muito maiores do que se possa imaginar. Por que?

Porque os nossos cérebros são, essencialmente, estáticos na sua estrutura e na sua função. A constituição celular é uniforme, formada por neurônios (ou fibras nervosas) e por outras células chamadas de gliais, em arranjos anatômicos estáveis e bem conhecidos na atualidade. Na perspectiva bioquímica, os neurotransmissores, que são as substâncias encarregadas de transmitir os impulsos nervosos, são sempre as mesmas moléculas – dopamina e serotonina, que são excitantes, e o GABA e a acetilcolina que são inibidoras.

Analogamente, uma via neural, como por exemplo a da visão, é estática na sua estrutura e na sua função. A transcodificação do estímulo visual em um impulso nervoso e a sua transmissão ao longo do nervo óptico até a área visual, no córtex occipital, é bem definida e bem estabelecida numa perspectiva tanto anatômica, quanto bioquímica.

Todavia, a interpretação simbólica do que se vê é particular e única para cada indivíduo. Assim, para um indivíduo a cor vermelha poderá simbolizar sangue e sofrimento, evocando lembranças desagradáveis e reações físicas com características de mal-estar. Para outro indivíduo, a mesma cor vermelha, poderá simbolizar amor e conforto, acionando boas lembranças que, por sua vez, desencadearão um estado de bem-estar.

Como justificar, então, que uma estrutura física estaticamente organizada e com uma fisiologia bem definida possa apresentar um leque de efeitos tão diferentes entre si quanto o são as personalidades dos indivíduos?

O mais curioso, nesta tentativa de se “**coisificar**” a mente é o fato de os próprios dicionários⁽²⁾ a definirem como “*um sistema organizado no ser humano referente ao conjunto dos seus processos cognitivos e atividades psicológicas; parte incorpórea, inteligente ou sensível do ser humano; espírito, pensamento*”.

Esta tentativa de se materializar a mente, faz-se ainda mais anacrônica, quando evocamos o significado etimológico das palavras mente e psiquismo. Mente deriva do latim **mens, mentis** significando “*faculdade intelectual*”, “*inteligência*”, “*espírito*” ou “*alma*”; e psiquismo deriva do grego **psyqué** com os mesmos significados^[(2) e (3)].

Se um simples estímulo visual pode gerar tanta divergência, que pensar de elaborações mentais bem mais complexas como as que são acionadas quando nos deliciamos com uma boa música? quando brincamos com uma criança? ou quando sentimos saudades de uma pessoa amada que está longe de nós?

Allan Kardec⁽⁴⁾ escreveu em “O Livro dos Espíritos” (pg. 176) que:

“Se as faculdades tivessem os seus princípios nos órgãos, o homem seria uma máquina, sem livre arbítrio e sem a responsabilidade dos seus atos. Teríamos de admitir que os maiores gênios, sábios, poetas, artistas, não são gênios senão porque o acaso lhes deu órgãos especiais. De onde se segue que, sem esses órgãos, eles não seriam gênios, e que o último dos imbecis poderia ter sido um Newton, um Virgílio ou um Rafael, se houvesse sido provido de certos órgãos.”

Na resposta à questão 370, do mesmo supra-referido livro⁽⁴⁾, somos informados de que “*não são os órgãos que lhe dão as faculdades, mas as faculdades que impulsionam o desenvolvimento dos órgãos.*” Ou seja, não foram os carros que fizeram o Michael Schumacher um campeão, foi o piloto, pela sua habilidade, que levou os carros a chegarem em primeiro lugar.

O Espiritismo, conforme definição do próprio codificador, é uma ciência, ou seja é um “*corpo de conhecimentos sistematizados que, adquiridos via observação, identificação, pesquisa e explicação de determinadas categorias de fenômenos e fatos, são formulados metódica e racionalmente*”⁽²⁾, portanto com autoridade para se manifestar sobre os assuntos que lhe diz respeito - a alma, o Espírito, a mente ou o psiquismo.

As ciências, ditas, positivas tem dificuldades em aceitar os conhecimentos que conferem à Doutrina Espírita o status de uma ciência; todavia, ao fazê-lo, perdem o direito de questioná-la. Agindo por preconceito de sistema, classificam como mistificação, superstição ou, até mesmo, como charlatanismo o que não conhecem e não compreendem acarretando, com isso, uma total desconsideração pelos aspectos filosóficos e religiosos que lhe são

característicos. Foi por isso que Allan Kardec atestou em “O Livros dos Espíritos” (pg. 32) que:

“*A Ciência propriamente dita, como Ciência, é incompetente para se pronunciar sobre a questão do Espiritismo ...*”

A ciência, divorciada da religião (do latim *religio/onis*, significando qualquer filiação a um sistema específico de pensamento ou crença que envolve uma posição filosófica, ética, metafísica, etc ... consciência escrupulosa⁽³⁾) é como um caminhão ladeira abaixo e sem freios: está fora de controle. Por sua vez, a religião, sem a ciência, perde-se nos meandros do fanatismo religioso.

Para nós, espíritas, compete-nos a obrigação de estudar a ciência, entretanto é fundamental preservarmos a essência da Doutrina Espírita para que não venhamos a cometer o pecado de **materializar** o Espírito. Antes, é necessário colimar esforços na intenção de **espiritualizarmos** a ciência.

BIBLIOGRAFIA:

- 1- JOHN C. ECCLES *Cérebro e Consciência, o self e o cérebro*. Editado por Instituto Piaget / Epigênese e Desenvolvimento, Lisboa, 1994.
- 2- ANTONIO HOUAISS *Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa*. Editora Objetiva Ltda, 2001.
- 3- FERREIRA, AURÉLIO B. de H. *Novo Aurélio, Século XXI, o dicionário da língua portuguesa*. Editora Nova Fronteira, RJ, 1999.
- 4- ALLAN KARDEC *O Livro dos Espíritos*. Editora FEESP, São Paulo, 1997.
- 5- BRANDÃO, MARCUS *Psicofisiologia*. Editora Atheneu, São Paulo, 1995.
- 6- LAURA KNAPP_(Editora Executiva) *Segredos da Mente*. Scientific American Brasil, Edição Especial Nº 4, São Paulo, 2004.
- 7- ANTONIO DAMÁSIO *O Erro de Descartes*. Editora Companhia das Letras, São Paulo, 1994.